

# *Os Lusíadas*, de Camões, e a *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto: perspectivas das viagens portuguesas

Lélia Parreira Duarte\*

\* Pontifícia Universidade Católica – Minas Gerais.

A aproximação do ano 2000, com as conseqüentes comemorações dos 500 anos da chegada oficial dos portugueses às terras brasileiras, tem motivado releituras e revigorado discussões sobre literatura portuguesa de viagens. Pretende-se reler aqui alguns aspectos de *Os Lusíadas*, de Camões, e da *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, com o objetivo de observar semelhanças e diferenças em relação à perspectiva adotada diante dessas viagens. A escolha das narrativas se justifica por situarem-se ambas nas mesmas circunstâncias históricas, num tempo em que a esfera do divino se reduz, conquistado afinal pelo homem o reconhecimento da capacidade de entender e promover o mundo que se lhe revela, sendo o incerto a margem dessa revelação.

As duas obras foram publicadas em momentos relativamente próximos – a epopéia de Camões em 1578 e a *Peregrinação* em 1614 (30 anos após a morte do autor) e em princípio deve-se assinalar uma grande diferença entre elas: *Os Lusíadas* são uma epopéia que, como tal, faz uma narração de grandes feitos (embora não de forma ortodoxa); o relato de Fernão Mendes Pinto é uma autobiografia que apresenta um espetáculo de miséria humana, com informações de conjunto sobre Oriente – Sião, China, Japão.

Os temas da epopéia são heróicos: fazendo o elogio dos lusitanos, que por “Obras valerosas / Se vão da lei da morte libertando”, os *Lusíadas* celebram “as armas e os barões assinalados (...) Que passaram ainda além da Taprobana”, e os reis que transformaram o mundo, “dilatando a fé e o império”. Seu acontecimento central – a descoberta do caminho marítimo para as Índias –, é cantado em tom grandiloqüente, preocupado com uma realidade histórica épica e trágica, que pretende provar a grandeza dos lusitanos e a sua vocação para os grandes feitos que,

segundo a epopéia, realizam-se em um relacionamento senhorial com povos mais fracos e submissos ou cordatos. Para essa exaltação, reaproveitam-se mitos alheios e criam-se outros, sendo o resultado a dramatização e transcendentalização de uma realidade que, não obstante, fica, sob a ficção, com apreensíveis grandezas histórica e poética.

Diferentemente, na *Peregrinação* os temas se intercalam e o foco não se restringe aos portugueses, havendo espaço também para os “outros”. Aliás, a narrativa desnuda os preconceitos dos viajantes em referência aos povos visitados, vistos como mais fracos e submissos (indianos) ou mais fortes e poderosos (chineses). No relato de Fernão Mendes Pinto há ainda uma transumância pícara: seu narrador nada pretende provar, revelando, ao contrário, constantes problemas para a simples sobrevivência: o que seu relato em primeira pessoa consagra é o seu saber superior ao da coletividade, porque exprime experiência através de poder dizê-la.

Ambas as narrativas têm uma personagem principal: Vasco da Gama é o herói d'*Os Lusíadas* e António de Faria o anti-herói da *Peregrinação*, sendo que a profissão deste, conforme revela o relato, é apenas a de pirata, o que se comprova pelo assalto aos mausoléus dos reis da China na ilha de Calempluy (cap. IX).

Uma grande diferença entre os dois textos aparece também no campo da religiosidade: *Os Lusíadas* falam do temor a um Deus universal, renascentista, tirado do Novo Testamento; o cristianismo de Fernão Mendes Pinto é herético, sendo a religiosidade dos viajantes, revelada pela *Peregrinação*, amoral e particularista, muitas vezes criticada por personagens orientais, como o menino chinês da ilha dos Ladrões (episódio VI) ou o ermitão da ilha de Calempluy (episódio IX), que mostram o que há de bárbaro e particularista na mentalidade religiosa desses portugueses.

N'*Os Lusíadas* acentua-se o papel pedagógico dos heróis viajantes; na *Peregrinação* estes recebem ensinamentos ou são criticados, apresentando-se além disso a sugestão de que seu espírito é de pirataria. A crítica de Fernão Mendes Pinto faz-se, camufladamente, com referências ao exótico, através da descrição de práticas estranhas ou estúpidas dos orientais, equivalentes de alguma maneira às de seus compatriotas, preocupados em “comprar” a salvação eterna. Esse elemento exótico funciona ironicamente no texto como espelho da civilização do autor para criticar seus erros e absurdos ou para fantasiar modelos perfeitos que, pela apresentação espelhada do diferente, evidenciam seus aspectos negativos. Isso porque Fernão Mendes Pinto, mostrando ausência de preconceitos, constrói na China a sua utopia, a sua cidade ideal de sentido político, social e religioso. Contrariamente, a comparação que se faz dos portugueses com outros povos, n'*Os Lusíadas*, funciona sempre no sentido de engrandecer os lusitanos, com base no preconceito do grande amor próprio nacional.

No centro da obra de Camões está o próprio Poeta / autor / personagem exemplar que, mostrando sua constante preocupação com o relato de grandes feitos, reúne as verdades da experiência vivida, os ensinamentos da cultura recebida e a capacidade de os transformar numa nova significação totalizante, que se poderia resumir num sentimento exaltado de nação. *Os Lusíadas* constroem-se assim com um estilo entusiasmado em que o real positivo se acentua através da imaginação. Encontra-se na epopéia um autor que quer ser reconhecido pelo seu canto, em que se reforça constantemente o **eu**, numa versificação rigorosa, que segue rigidamente um modelo, uma normalização. Colocando-se como humilde, baixo, rude, desconhecido, esse **eu** acentua entretanto que combina sabedoria, experiência e engenho – revelando mais um grande orgulho que modesta submissão.

Também no centro da fala da *Peregrinação* está o próprio escritor / autor / personagem, mas este não tem grandeza heróica: é um pícaro que não possui de seu mais do que pode ganhar com as mãos; não tem outro propósito na vida que não seja, em princípio, sobreviver e, depois, enriquecer, desconhece o preconceito de honra e faz questão de se exhibir em situações convencionalmente desairosas. Para salvar a vida não recua diante de vilanias; mostrando (ingenuamente?) suas manobras para atingir ou conseguir o poder, chama-se a si próprio o “pobre de mim” e não se envergonha de servir de bobo. Em sua narrativa impassível de observador ingênuo (ou feroz?), a imaginação supera o que existe de real, de documento humano. Vejam-se como exemplos o relato do rapto da noiva chinesa ou o primeiro capítulo, com a narração da saída da casa do pai para a aventura da luta pela vida.

Ao estilo grandioso da epopéia contrapõe-se, portanto, o estilo humilde – fingidamente ingênuo de quem não sabe o que está a contar – do pícaro, cujas narrativas são intercaladas de anedotas e palhaçadas de um autor que se faz de tolo, numa prosa falada de narrativa oral. Essa diferença é reafirmada quando, em ambas as narrativas, é passada a palavra a outros narradores: *Os Lusíadas* revelam mais uma vez seu esmero de plano e elaboração, ao entregar a narradores históricos e intradieéticos (Vasco e Paulo da Gama) e a personagens míticos relatos que referendam uma perspectiva positiva para as viagens. Na *Peregrinação*, ao contrário, quando se dá a palavra a outros narradores, estes apresentam sempre perspectivas opostas às que seriam elogiosas para os portugueses, confirmando ironicamente (não claramente, portanto) a sugestão de denúncia presente na narrativa.

O modelo que a epopéia imita está no plano da teorização doutrinária da crítica e dos mecanismos de produção de textos, na esteira de uma literatura erudita, de problemática humanística classicizante. O caráter da *Peregrinação*, pelo contrário, marca-se muito mais como excêntrico a uma matriz histórica e/ou lite-

rária determinada, integrando-se em modelos de contar medievais. Suas teses fundamentais incluem a sátira ao heroísmo, a afirmação repetida de que no Oriente os portugueses são bárbaros e os Orientais os civilizados, bem como a explanação da idéia de um deus superior aos cultos e aos ritos. Certamente por isso há na *Peregrinação* um excesso de copulativas (como se houvesse um nivelamento e não relevância de itens), marcando-se ironicamente a presença de subentendidos, muitas vezes através de mudanças de sujeito no corpo da frase.

Ambas as narrativas trabalham com intertextualidades: n' *Os Lusíadas* está a lição de poetas épicos (Virgílio, Homero, Ariosto) e de poetas trágicos (como António Ferreira); estão também coros semelhantes aos das tragédias gregas, as *Metamorfoses*, de Ovídio, textos de Horácio, Francis Bacon, Jorge Ferreira de Vasconcelos e de cronistas portugueses, como Duarte Galvão, Rui de Pina, Fernão Lopes e Damião de Góis. Estão ainda dados da *História dos descobrimentos* e da *Conquista da Índia*, de Castanheda, e dos relatos de João de Barros, merecendo destaque o fato de ter a camoniana Ilha dos Amores traços comuns com a *Utopia*, de Thomas Morus, que a localiza numa ilha, fazendo-a encontrada por um pioneiro português. Já Camões transforma sua hipotética ilha num espaço imaginário que estivesse a aguardar ser de novo encontrado pelo jovem rei a quem dedicou o seu poema. Além disso, ambos os autores – Camões e Thomas Morus – dão um caráter pedagógico ao seu texto, com lições de como se deve governar, não fazendo portanto apenas elogios.

É curioso que também Fernão Mendes Pinto tenha feito em sua narrativa referências a textos característicos do Renascimento, como a mesma *Utopia* de Thomas Morus e a *Nova Atlântida*, de Francis Bacon. E que, assim como Camões teve os seus *Os Lusíadas* imitados em outros textos, Fernão Mendes Pinto parece ter tido a sua *Peregrinação* usada como modelo para narrativas irônicas do século XVIII: exemplos seriam as *Lettres Persannes*, de Montesquieu, em que um persa em Paris critica, com espanto ingênuo, a cultura francesa da época, ou o *Candide*, de Voltaire, cujo herói percorre o mundo, ora encontrando estupidez profunda, ora exemplos de sabedoria em restos de civilizações. Trata-se de iluministas que tiveram em Fernão Mendes Pinto um precursor-modelo para a crítica da irracionalidade humana.

Além disso, a *Peregrinação* estará talvez mais presente que *Os Lusíadas* na literatura portuguesa contemporânea, em que numerosos textos retomam de forma ironicamente crítica as viagens e os descobrimentos. Como exemplos poder-se-iam citar *O bosque harmonioso*, de Augusto Abelaira, *Cantata para dois clarins e Peregrinação de um Barnabé das Índias*, de Mário Cláudio, ou *As naus*, de António Lobo Antunes, que retomam a síntese artística de fundo picaresco realizada pela *Peregrinação*, a qual se marca, por exemplo, através de personagens/testemunhas

ingênuas e/ou narradores com imagens de criaturas aparvalhadas e sem talento, ou com freqüente descarte da responsabilidade da narração feita. Ou aparece através do apelo a fontes duvidosas e autoridades inexistentes, da mistura de dados históricos verificáveis com erros de cronologia, de relatos de muçulmanos louvando o deus cristão ou pela presença de uma religiosidade hipócrita ou de verossimilhança questionável. (Catz, p. 283). Veja-se ainda no texto a ambigüidade satírica ou, mesmo no maior exagero, a preocupação com um timbre de genuína veracidade. Interessante lembrar que, se o propósito crítico da *Peregrinação* se malogrou porque as autoridades da época não a entenderam, essa ausência de entendimento foi um triunfo da obra, garantindo a sua circulação.

Deve-se notar entretanto que também *Os Lusíadas* apresentam o seu aspecto crítico: está implícita na obra a intenção de recuperar o equilíbrio humanista entre a fé e a experiência, o espírito e a matéria, o apetite e a razão, as armas e as letras, numa nova ordem que não cabia num mundo em desconcerto. Mais ainda: já anteriormente acentuei a presença do Poeta em seu poema (Duarte, 1988); também Helder Macedo demonstra que o Poeta intervém na narrativa através de recorrentes comentários que servem para caracterizar todos os outros narradores como ficção dramática de sua própria voz, ou para colocar o sentido global do poema na perspectiva crítica do presente. Com essas intervenções pessoais, Camões caracteriza seu discurso como voz do Poeta, que é o autor de Vasco da Gama, como se este e outras personagens do poema não tivessem outra existência além daquela que o texto poético lhes confere.

O discurso do Poeta mostra-se, assim, auto-referencial, definindo-se uma equivalência entre as suas experiências e as dos heróis que celebra no poema, às quais Camões acrescentou o seu feito maior: a capacidade de lhes conferir significação nesse mesmo poema em que também se inclui. Dessacralizou assim a profecia, ao transpô-la do plano do “saber divino” para o finito mundo da linguagem em que se situa o humano entendimento. Embora seu material seja épico, sendo seu tempo o da História, com viagens e demandas, guerras e conquistas, riquezas e poder, tem ele consciência de que a sua arte, para completar-se, precisa contar com a leitura, a percepção e o entendimento do outro.

Apesar das diferenças, parece existir portanto uma grande semelhança entre *Os Lusíadas*, de Camões, e a *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, pois ambos contam com a percepção do leitor. Na verdade de sua poética, o poema épico também apresenta um texto que é mais da dúvida que da certeza, mais da ruptura que da continuidade, mais da imanência que da transcendência e, afinal, mais da fragmentação encontrada que da totalidade desejada.

## Referências Bibliográficas

CATZ, Rebecca. *A sátira social de Fernão Mendes Pinto*. Lisboa, Prelo, 1978.

CATZ, Rebecca. *Fernão Mendes Pinto – sátira e anti-cruzada na Peregrinação*. Lisboa, ICLP, 1981.

DUARTE, Lélia Parreira. Ironia: traço comum a *Os Lusíadas* e a *O bosque harmonioso*, de Augusto Abelaira. *Boletim do Centro de Estudos Portugueses*. n. 12. Belo Horizonte, FALE / UFMG, jul.1986/dez.1988, p. 150-156.

MACEDO, Helder. A poética da verdade d'*Os Lusíadas*. In: GIL, Fernando & MACEDO, Helder. *Viagens do olhar*. Lisboa, Campo das Letras, 1998. p. 121-141.

PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação*. (Transcr. Adolfo Casais Monteiro). Lisboa, INCM, 1983.

SARAIVA, António José. *Fernão Mendes Pinto*. 2. ed. Lisboa, Publicações Europa-América, 1971.

# resenhas

